

Sou Militante do "Partido da Utopia"



Tom Moylan | Universidade de Limerick, Belfast, Irlanda do Norte

Trad. Ivone Oliveira*

Ainda bem que Giacomo Paradisi o avisara para não ficar surpreendido.

Segurou cuidadosamente a faca e poisou-a sobre a mesa antes de se permitir ceder à admiração. Lyra já estava de pé, sem fala, porque ali, no meio da pequena sala empoeirada, estava uma janela exactamente igual à que se encontrava sob as faixas brancas, uma abertura no ar através da qual podiam ver outro mundo.

Philip Pullman, *A Torre dos Anjos*

Parece que sempre vivi entre mundos, olhando de um mundo para o outro, tentando transpor a realidade para ver esse outro lugar que parecia fazer mais sentido ou pelo menos ser mais interessante e talvez até satisfatório. Neste sentido, o método da Utopia, com o seu duplo movimento de negação e antecipação, parece estar comigo desde sempre.

Cresci tentando encontrar o meu caminho entre diferentes culturas, diferentes mundos. Filho de pais irlandeses morando em Chicago, vivi entre a cultura irlandesa da minha família e a nova sociedade da promessa americana dos anos 40 e 50 do pós-guerra. Cresci feliz, no seio de uma família protectora, ainda que muitas vezes, quando andava pela cidade, tivesse a sensação de que o nosso modo de vida era "antiquado". Católico, como todos os irlandeses imigrados na América, descobri um conjunto de valores e disciplina (e repressão) que constituíam uma alternativa a uma cultura cada vez mais consumista, mas oferecia um encanto e um estímulo que os horizontes da minha vida quotidiana não permitiam. Oriundo da classe trabalhadora, pouco encontrei que me interessasse na esfera dos "ricos". De facto, desenvolvi um crescente antagonismo de classe ao ver o meu pai ser tratado com condescendência pelo patrão nas docas; ou quando eu, pobre rapaz, visitava a minha sempre tão dinâmica e independente tia e via como ela era tratada como uma criada obediente por um casal de North Shore de cujos filhos ela cuidava.

Citação

Tom Moylan, "Sou Militante do 'Partido da Utopia.'" Trad. Ivone Oliveira. *Via Panorâmica: Revista Electrónica de Estudos Anglo-Americanos/An Anglo-American Studies Journal* 2.^a ser. 1 (2008): 24-27. Web. <<http://ler.letras.up.pt>>

Embora a minha etnia, religião e classe me tenham dado um sólido sentimento de mim mesmo, não deixei de buscar aqueles outros mundos que excediam tudo o que eu conhecia, levando-me a explorar os seus caminhos e a considerar as suas possibilidades juntamente com aquelas que eu tão bem conhecia. E foi assim que encontrei o sonho em cada um dos meus mundos paralelos, apercebendo-me de que cada um deles abria as portas para outro mundo, que cada um me levava a um mundo estranho e inquietante, muito maior do que o meu.

Esta tensão cultural tornou-se cada vez mais combativa. Aquele sentimento de diferença assumida que o Catolicismo me transmitiu, aquela ira de classe que descobri e aquela sensação mais distante de pertencer a um povo cuja história tinha sido de ocupação e de expropriação transformaram-se numa experiência de reivindicação e contestação mais directas à medida que eu me aventurava pelas ruas (em criança, e mais tarde, durante a minha “adolescência”). Nos parques da cidade, nas pizzarias e nas avenidas da baixa, aderi a uma cultura juvenil que rejeitava a cultura conformista dominante nos anos 50. No nosso inocente *gang* que provocava a polícia local, nas nossas escolhas de vestuário – calças de ganga, botas de combate e casacos pretos –, defendíamos-nos uns aos outros e contra aqueles que nos diziam o que devíamos fazer. Aquele que se estava a tornar a nossa cultura popular de revistas de banda desenhada, de filmes série B e corridas, de rock e música transmitiu-me e aos meus amigos um ponto de vista a partir do qual reunimos forças para sermos nós mesmos, até mesmo quando transpúnhamos a nossa mistura de mundos entrecosidos nas nossas raízes de classe, etnia e religião.

E, no entanto, a sociedade dominante ofereceu o seu apelo à lealdade e ao compromisso enquanto a cultura oficial do anti-comunismo tomava o poder. No heroísmo da repetição dos movimentos da Segunda Guerra Mundial, na nova programação da televisão com séries como *I Led Three Lives* (com um “comunista” que era espião do FBI), nos anúncios de televisão que entoavam as normas da democracia e da liberdade e nas transmissões dos testes da bomba de hidrogénio e das audições do senador McCarthy, o meu apelo católico para testemunhar, para me manter firme num mundo sem valor, deu-me uma razão adicional para um imperativo moral, se não político, para lutar pela liberdade e contra a opressão.

A minha propensão para a leitura enriqueceu estes apelos ao conhecimento e ao compromisso. Ao crescer num lar carinhoso mas onde não havia livros, absorvi a cultura livresca do Catolicismo assim que fui para a escola, tornando-me um católico “devoto” ao ler as liturgias e as vidas dos santos, e um “bom” aluno, uma vez que entrei avidamente no mundo da aprendizagem. Não

tinha possibilidades para comprar livros e, como qualquer rapaz, comprava centenas de revistas de banda desenhada e mergulhava nas façanhas de superheróis, no sangue das histórias de terror e nos estranhos novos mundos da ficção científica. Recordo que, numa das minhas primeiras visitas a uma biblioteca, tirei da prateleira o meu primeiro volume de Robert Heinlein; foi assim que comecei a interessar-me pela literatura fantástica e de ficção científica. Mas as minhas leituras tomaram outro rumo quando eu tinha dez anos. O meu tio John morreu e a minha tia Catherine achou que eu, como era um rapaz estudioso, devia ficar com a secretária e os livros dele. Acontece que o tio John era o único político da família, membro do Sindicato dos Operadores de Elevadores. Descobri mais tarde que também fazia parte de um grupo de leitura trotskista e o que chegou até mim foi o seu local de aprendizagem e a sua biblioteca. Assim, às minhas leituras sobre a vida dos santos e ficção científica, juntei livros como *A História da Revolução Russa*, de Trotsky, *Progresso e Pobreza*, de Henry George, e um atlas do mundo com oito volumes. Esta infusão de política e geografia deu forma e profundidade à minha capacidade para tentar encontrar o equilíbrio entre mundos alternativos e antagónicos.

Para mim, a leitura tornou-se numa “faca subtil”, aquele incrível instrumento que nos foi oferecido pela trilogia *Mundos Paralelos*, de Philip Pullman. A leitura deu-me um meio para transpor a barreira entre mundos, para me afastar daquele outro lugar e para avançar ou recuar pessoal ou estrategicamente, conforme necessário. Nas minhas leituras religiosas e seculares, comecei a aperceber-me da importância de uma vida de compromisso e acção, expressa quer na linguagem religiosa quer na linguagem política do activismo. Esta compreensão precoce de que uma vida assim está envolta no Catolicismo, no anti-Comunismo, num compromisso um pouco mais distante da liberdade irlandesa (temperada com o *frisson* da vida citadina), era como o atirar dos dados existenciais. Esta amálgama levou porventura a uma secularidade que abraçou uma espiritualidade materialista, a um comunismo aberto e à defesa de que a liberdade conquistada pelos oprimidos era apenas o resultado de uma série de fases subsequentes.

Já no liceu, nos finais dos anos 50, passei, graças ao Movimento de Acção Católica, de uma posição anti-comunista abstracta ao trabalho concreto da Conferência Católica Inter-racial, cujos líderes já estavam ligados ao jovem Martin Luther King e à Conferência de Liderança Cristã do Sul, que pouco tempo depois se tornaria no Comité Não-Violento de Coordenação Estudantil. Tudo isto me preparou para o trabalho que desenvolvi no Movimento dos Direitos Civis durante os meus anos de faculdade. A partir daí, enquanto membro daquilo que se estava a tornar a geração de 60, ingressei no movimento anti-guerra e – mais

insistentemente quando decidi tornar-me objector de consciência e opositor ao regime militar – no movimento anti-recrutamento militar. Mais tarde, filiei-me na Nova Esquerda, com pessoas que encaravam o activismo como o seu estilo de vida e levavam-no ainda mais longe, nas suas vidas pessoais e profissionais. E a mim, a vida profissional fez com que me formasse e que, de seguida, leccionasse num Instituto do Ensino Superior. Se a leitura era um motor da mudança a nível pessoal, o meu activismo e os meus valores bem fundamentados (que agora podem ser apelidos de políticos e até de utópicos) levaram-me a ver o ensino como um veículo de desafio e de transformação sociopolíticos.

A minha intenção ao evocar esta trajectória é expressar por que é que para mim a "Utopia Interessa", pessoalmente, politicamente e profissionalmente. Deu-me uma oportunidade de escrever sobre como comecei a valorizar o imaginário utópico, enquanto vagueava, curiosa e criticamente, entre mundos – como uma personagem de Pullman ou como Shevek no romance utópico de Ursula K. Le Guin dos anos 70, *Os Despojados*. Aspiration étnica/nacional, testemunho espiritual, ira de classe, energia juvenil, fome intelectual alimentaram aquilo que se tornou numa tendência utópica e que, sem dúvida, me tornou, para toda a vida, militante daquilo a que Fredric Jameson chamou "Partido da Utopia", aquela longa linha vermelha formada pelos que só aceitam justiça e liberdade para todos num planeta (ecologicamente saudável) através do trabalho de uma humanidade transformada e transformadora e não através do imperialismo americano (velho e novo). ■

Nota

* Revisão e supervisão de Fátima Vieira, no âmbito do Seminário de "Revisão e Edição de Textos" do Curso de Mestrado em Tradução e Serviços Linguísticos da FLUP (ano lectivo de 2007-2008).